

Reelaboração e Invenção nas quadrilhas juninas no Tocantins

Verônica Dantas Meneses¹

Carla Josyanne Schultes Ribeiro²

RESUMO

O estudo aborda os processos de reelaboração da cultura nordestina e invenção da identidade tocantinense presentes nas quadrilhas juninas (grupos de dança folclórica) do Tocantins, especialmente em sua capital, Palmas, apoiado em estudos Folkcomunicacionais e nas premissas de Williams e De Certeau. As quadrilhas juninas do Tocantins, em especial as palmenses, têm despontado em âmbito nacional e conquistado reconhecimento dentro e fora do país, elas tanto tem movimentado setores como comércio, turismo e política regional, como se configuram como movimentos sociais que contribuem para o movimento junino se recriar e se fortalecer como forma cultural e como mobilizadora da comunidade em que estão inseridas.

PALAVRAS-CHAVES

Quadrilhas Juninas. Folkcomunicação. Identidades. Nordeste. Tocantins.

Reinvention e Invention in the folk dance at Tocantins

ABSTRACT

This paper discusses reinvention processes of the Northeast of Brazil's culture and invention of local identity in folk dance groups of Tocantins, especially in its capital, Palmas, supported in Folkcommunications studies and in the premises of Williams and De Certeau. The folk groups at the Tocantins, in particular at Palmas, Tocantins, have disappointed at the national level and won recognition both inside and outside the country, they contributed both to busyness, tourism and regional policy sectors, as are configured as social movements that contribute to recreate that popular culture, and strengthen itself as a cultural form and as the community in which they are mobilizing.

¹ Doutora em Comunicação pela Unb, professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: veronica@uft.edu.br.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: carlajosyanne@yahoo.com.br.

KEY-WORDS

Quadrilhas Juninas (Folk dance). Folkcommunication. Identities. Northeast of Brazil. Tocantins.

Introdução

É inerente à cultura, especialmente à cultura popular, certa capacidade de se reinventar, que revela a criatividade e a invenção dos indivíduos a fim de criar espaços e condições de se expressarem, sobretudo, e mesmo, na sociedade atual, nos tempos da convergência midiática, uma vez que entendemos que os espaços midiáticos continuam parte de contextos políticos e econômicos envoltos em uma pseudodemocracia, espaços em que muitos atores sociais não transitam. Nesta sociedade mesma, o espaço cultural popular e folclórico tem se destacado como possibilidade de transformação social, reafirmação de laços de pertença e de visibilidade e valorização da imagem de grupos e indivíduos espalhados pelos interiores, pelos bairros periféricos, grupos marginalizados, pelas comunidades tradicionais, mas também pelo espaço da cibercultura.

Ao mesmo tempo, estas formas culturais, no dizer de Williams, também conformam uma cultura comum, que se manifesta por meio das discussões sobre identidades, história e imaginário, por exemplo. Desse modo, a abordagem de cultura que engendramos neste trabalho segue a linha teórica dos Estudos Culturais, ao levar em conta as experiências e manifestações vividas cotidianamente pelas pessoas. Assim, desse modo, classificar a cultura como de elite, alta ou baixa, é ignorar os contextos sócio-históricos que engendram tais manifestações.

As quadrilhas juninas representam uma das mais expressivas manifestações da cultura popular brasileira. Desde sua origem, as quadrilhas trazem no seu âmago a marca da invenção e da reelaboração por que passa a cultura. Originadas a partir das danças de salão europeias de origem camponesa, incorporadas às cortes e popularizadas no século XVIII, no Brasil teve o sentido inverso, foram introduzidas pelas elites e depois ganharam influência das danças e ritmos brasileiros, principalmente de tradição rural, popular e mais presente na região Nordeste. Uniu-se às festas juninas e ganharam um lugar também na religiosidade popular, cuja celebração, também conhecida como Festa dos Santos Populares, é marcada pela riqueza e diversidade dos simbolismos presentes tradicionalmente (LUCENA FILHO, 2009).

As quadrilhas, atualmente, além de compor as festas juninas, integram a programação de grandes eventos e festivais espalhados pelo Brasil, como o Festival Folclórico de Parintins, além dos eventos e competições em nível nacional para eleger as melhores apresentações. Tradicionais ou estilizadas, a criatividade é a marca das quadrilhas juninas atuais nas quais os regionalismos, mas também aspectos globais estão cada vez mais imbricados, moldando relações dialógicas entre imaginário e espetáculo, tradição e modernidade.

As quadrilhas juninas estão presentes nas diversas regiões do país, cada lugar deixa as marcas da sua identidade, uma vez que são ressignificadas de acordo com os contextos locais. Cada vez mais elas não apenas se inserem no contexto industrial da cultura, mas tem se tornado um movimento social que mobiliza a comunidade. No Tocantins, a cada ano as quadrilhas ganham força, já sendo o principal elemento das festas juninas em vários municípios, entre eles a capital, Palmas. Mais do que isso, tem se constituído espaço de trocas e de comunicação entre comunidades e grupos, os quais se apropriam de um poder de visibilidade e de pertencimento, de forma individual e coletiva.

Os indivíduos membros das quadrilhas mantêm uma relação de orgulho e pertença ao grupo, em geral fazem parte de um grupo social composto por jovens de baixa renda, localizados nas periferias das cidades, que durante todo o ano lutam com seu cotidiano de batalhas, muitas vezes sem voz, mas que na época junina se vestem glamorosamente e tornam-se o centro da admiração pública em um grande espetáculo multicultural. Com muito orgulho, contam sua história, mostram sua alegria e conquistam, assim, um reconhecimento perante a sociedade.

O principal problema a que este trabalho se propôs responder foi como as quadrilhas juninas em Palmas comunicam a identidade cultural local e que mediações culturais estão presentes neste processo, uma vez que existe uma reelaboração da cultura nordestina paralela ao fortalecimento de uma identidade tocantinense ainda em construção.

Pretendeu-se entender as quadrilhas juninas em Palmas como manifestações folkcomunicacionais permeadas por mediações as quais representam e expressam as demandas deste grupo e indicam seu posicionamento diante do mundo. Para tanto, buscamos analisar um pouco do contexto em que se manifestam as quadrilhas juninas em Palmas, Tocantins, ou *juninas*, como se fala no local, quais as apropriações e os novos significados articulados em torno da dança, desde seu lugar como grupo social até o seu status

competitivo e espetacular dentro de um processo de produção, recepção e apropriação circular entre cultura folk e cultura comum.

Segundo Winkin (1998, p. 14), a nova comunicação é vista como “*performance permanente da cultura*” (*grifo do autor*) e não se restringe à transmissão intencional de mensagens, mas refere-se aos processos dos quais todos participamos cotidianamente e que exigem métodos de pesquisa também dinâmicos. A partir de uma perspectiva etnográfica e das referências teórico-metodológicas da folkcomunicação, observamos as interações e vivências cotidianas no âmbito das quadrilhas juninas, por meio da observação não participante, entrevistas, análise documental de matérias da imprensa e material de divulgação oficial, enfatizando o acervo visual.

Cultura e identidade

O multiculturalismo, a diversidade, o hibridismo têm se tornado características cada vez mais complexas nas manifestações culturais, que tem buscado estabelecer laços identitários contrabalanceando-se à fluidez do mundo moderno. No cotidiano a cultura absorve outras, se adapta, se ressignifica e se difunde. De qualquer forma que seja abordada, no entanto, a cultura identifica o indivíduo como parte de um grupo social; influencia na forma como a própria pessoa se vê e se comporta particularmente ou em comunidade e nem sempre está em conflito com o considerado hegemônico (WOODWARD, 2000).

Dentre as motivações para a formação, construção e ressignificação de identidades culturais estão as relações de pertencimento e a necessidade de as pessoas se agruparem, construir valores compartilhados, em busca de uma segurança dentro do mundo moderno globalizado. Bauman defende que o comunitarismo é parte das relações sociais da atualidade, em que, paralelo às suas liberdades e escolhas, as pessoas estão sempre em busca de certa segurança e certo controle familiar. “Liberdade e comunidade podem chocar-se e entrar em conflito, mas uma composição a que faltem uma ou a outra não leva a uma vida satisfatória” (BAUMAN, 2003, p. 57).

O folclore, entendido como cultura popular tradicional, é dinâmico e evolui com as mudanças da sociedade, o que elimina a concepção de serem simplesmente uma revivência ou sobrevivência do passado. A invenção da cultura pela hibridização é um fenômeno de apropriação de traços culturais de várias procedências (BENJAMIM, 2004, p. 21). Nesse

aspecto, mais do que serem vistas como vilãs, as mais variadas situações que se verificam nas manifestações contemporâneas, como as relações comerciais que se fundem à cultura popular, devem ser analisadas como um processo de ressignificação e invenção. Nesse sentido, a perspectiva de pensar a estas manifestações como formas culturais (Williams, 1969) agrega as dinâmicas engendradas no seio de cada grupo. Assim, certas características tradicionalmente atribuídas aos fatos folclóricos podem não se manifestar nas manifestações atuais, isso implica na inclusão das relações econômicas, a apropriação das manifestações folclóricas e populares pelas entidades governamentais e a sua utilização como promoção da autoimagem por outros atores sociais.

Luiz Antônio Barreto defende que para estas manifestações continuar existindo têm que se recriar, inovar, que buscar no âmago dos grupos algo novo, uma reinvenção, em que alguns valores e identidades permanecem, no caso do nosso objeto, do que são as quadrilhas no Nordeste do Brasil, mas outros novos se constroem. “Sobrevivência e renovação são leis próprias das memórias aplicadas aos fatos folclóricos que englobam, em suas vigências, todo o fazer e todo o saber de um povo” (BARRETO, 2005, p.85).

De acordo com Barbero, as dinâmicas culturais são processos de mediação nos quais os públicos se apropriam e ressignificam os sentidos do processo comunicativo a partir da relação entre o processo de recepção e reelaboração das mensagens e os processos de produção e difusão destes bens culturais industrializados. São “estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica” (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 113).

Assim, uma perspectiva que engendramos neste trabalho é a relação entre a folkcomunicação e a comunicação comunitária, já sinalizada por Beltrão (1980), pois as manifestações folclóricas apresentam uma dimensão social de expressão da voz das comunidades, de luta por suas demandas e mostram-se como lugar privilegiado de emancipação e cidadania, no qual seus membros são reconhecidos pela comunidade desempenhando um papel sociocultural por meio de suas ações (ASSUMPÇÃO, 2013).

Identidade cultural e mobilização social nas quadrilhas juninas em Palmas

A quadrilha está presente no Brasil inteiro. Cada estado imprime sua identidade, mas a cultura nordestina se solidificou como referência das festas juninas e das quadrilhas. As mudanças no desenvolvimento das quadrilhas juninas ocorrem desde seu sentido comunitário para os agentes promotores locais, passando pela apropriação por outros atores sociais, até a própria reelaboração da comunidade às necessidades globais e de consumo destas festas (TRIGUEIRO, 2005; TRIGUEIRO, 2013).

Alguns aspectos peculiares das quadrilhas são percebidos também nos grupos tocantinenses. Normalmente o cenário se passa na roça e a estória remonta às lutas do sertanejo humilde, não falta a celebração do santo Antônio casamenteiro com o matrimônio, o tom cômico, que é utilizado nas marcações, no casamento e em outras encenações, e o cavalheirismo, que remonta à origem da dança.

No Tocantins, as quadrilhas vêm progressivamente se destacando nas competições nacionais. No início, se restringiam a apresentações nas periferias e possuíam pouco ou nenhum espaço. As quadrilhas também se organizaram e a FEQUAJUTO (Federação das quadrilhas Juninas do Tocantins) é a representante e reguladora das competições³. A possibilidade de obter maior destaque nacional, a construção da cultura local, a projeção de imagem positiva dentro e fora do Estado, fomentação do turismo, o espaço conquistado na mídia, o crescimento do público são motivações e também realidades que podem ser observadas no circuito de quadrilhas juninas do Tocantins. As próprias quadrilhas trabalham com profissionais que possam atender às demandas de visibilidade dos grupos, pois a quadrilha sabe que uma boa divulgação de sua imagem depende de trabalho especializado.

³ Competições no Tocantins: As quadrilhas tocantinenses participam de várias competições profissionais e para iniciantes: Os circuitos municipais de quadrilhas, que em Palmas é organizado pelos próprios grupos participantes, seleciona as cinco melhores quadrilhas para a competição estadual; o Arraiá da Capital, festa de São João organizada pelas associações e pela Prefeitura, que seleciona as representantes do Estadual³; o Campeonato Estadual, organizado em parceria com a prefeitura da cidade anfitriã com a Fequajuto, seleciona a representante do Estado no Campeonato Nacional de Quadrilhas Juninas, que a cada ano é sediado em um estado brasileiro. Os grupos quadrilheiros são divididos em níveis de profissionalização: Quadrilha mirim; grupo de inicialização, grupo de acesso e grupo especial.

Figura 1: Peça de divulgação da Caipiras do Borocoxó (2012)



Foto: Cristiano Costa

Muitas ações da institucionalidade pública demonstram o reconhecimento desta manifestação como cultura local e o desejo de fortalecê-la, como apoio para a construção de quadrilhões (espaço destinado e adaptado às apresentações), o apoio a eventos e a liberação de recursos para prêmios. Grupos de quadrilheiros se revezam frequentemente no aeroporto de Palmas, como identificadores da cultura tocantinense, para receber os turistas na época de férias de julho, temporada das praias de rio na região. Em 2013, o IX Concurso Nacional de Quadrilhas, promovido pelo Governo do estado em parceria com a Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas (Confebraq) e a Fequajuto, foi realizado em Palmas. A TVE Tocantins, emissora educativa do governo do Estado, fez a cobertura dos campeonatos estadual e nacional em 2013 mostrando a importância dada ao evento.⁴

Esta apropriação da festa pelo governo ocasionou duas situações, que já foram abordadas por Benjamim (2004), de que estas manifestações transformadas em festas

⁴ Contudo, mesmo com o apoio de governos e empresas a estes eventos, a ascensão das quadrilhas é notadamente fruto do esforço coletivo destes grupos. No campeonato nacional as quadrilhas se esforçam para se deslocar até a cidade sede. Esforço que se manifesta nacionalmente. Com muita luta e persistência quadrilhas de todo o Brasil vieram ao Tocantins, em 2013, mostrar sua arte. Algumas sequer conseguiram recursos financeiros, outras enfrentaram três dias de viagem, mas as adversidades não os abateram e todo o esforço fez com todos os grupos entrassem na arena com mais vontade. Com a bandeira amazonense, a rainha e o casal de noivos, que vieram representar a quadrilha Fستانça na Roça, desfilaram sobre o tablado ao som das palmas da plateia em reconhecimento ao seu esforço.

institucionais podem comprometer o caráter cíclico e espontâneo desses eventos, pois ocorre a redução do conjunto dos eventos das manifestações a um evento central, que pode também limitar a participação dos brincantes. Isso ocorreu com a transferência da data de apresentação das quadrilhas para o mês de julho e a mudança do local de realização da festa junina em Palmas, o *Arraiá da Capital*, da periferia para a região central, em 2009. Houve forte rejeição do público e dos grupos e em 2013 o *Arraiá da Capital* retorna para a região sul (Taquaralto), considerada o berço das quadrilhas em Palmas. A situação marcou o empoderamento dos grupos e reforçou a localização cultural da festa.

Outra situação que problematiza esta relação de amor e ódio entre o movimento quadrilheiro e a institucionalidade pública foi a criação da categoria competitiva *Casal Indígena*, que recebeu um concurso próprio na edição do ano de 2015 do *Arraiá da Capital*. A proposta inserida pela atual gestão do governo municipal revela um contexto político, uma vez que neste ano a capital tocantinense sedia os Jogos Mundiais Indígenas. Entretanto, a instituição do casal indígena ainda não ganhou a aderência do público, que considera que deve haver um contexto localizado e melhor representado para a inserção da cultura indígena nas quadrilhas no Estado, até porque os casais ficaram com papéis improvisados no enredo⁵.

Benjamim também alerta que esta institucionalização leva à profissionalização (com a perda do espírito lúdico) e a excessiva valorização dos aspectos visuais em detrimento da criatividade da música e da coreografia. Veremos, e outros estudos podem se seguir, que esta situação pode não ser verificada, se levarmos em conta a capacidade de invenção e reelaboração das culturas populares. O que importa saber é que essas transformações são fatores que contribuem para a resignificação da cultura e da imagem que a comunidade deseja transmitir (BENJAMIM, 2004, p. 139). Estas peculiaridades têm sido estudadas por vários pesquisadores no âmbito dos estudos em Folkcomunicação, entre os quais lembramos, especialmente em se tratando das festas juninas e das quadrilhas, Severino Lucena e Osvaldo Trigueiro.

Temáticas abordadas pelas quadrilhas

⁵ A cultura indígena é marcadamente forte no Tocantins, em cujo território situam-se quase 70 aldeias de seis etnias distintas.

A cultura tocantinense está se construindo e assimilando diversos elementos de diversas origens por meio das pessoas que aqui residem, desde a criação do Estado, em 1988. Segundo dados do IBGE (2013), a capital do Tocantins tem um contexto bem diversificado de migração. A maior parte da população é da região Norte (57%), o que se justifica pelo fato de o estado fazer parte desta Região e ter suas fronteiras próximas ao Estado do Pará, mas a região nordeste é bem expressiva em relação à origem de seus habitantes, com 21%. Em Palmas, as culturas nortista e nordestina estão muito evidenciadas na oralidade, culinária e nas produções artísticas. É também na capital onde existe o maior registro de quadrilhas profissionais e todas reconhecidas em âmbito regional. A força representativa do Nordeste como berço das quadrilhas influencia o panorama das quadrilhas no Tocantins e em Palmas, além disso, as manifestações culturais nordestinas são constantemente a inspiração para se criar e recriar as próprias manifestações no Tocantins.

As quadrilhas do Tocantins adotaram elementos do Nordeste em todas as suas apresentações. Mesmo nos temas com um símbolo tocantinense, a temática, história e os elementos de figurino e cenário englobam fortemente os símbolos nordestinos. Uma fotografia de divulgação da quadrilha *Caipiras do Borocoxó*, de Palmas, trazia como legenda: “De repente descubro que essa novidade toda de dança, de cor e calor nem é novidade, é herança”. A frase aponta para a “simbiose” entre o novo e a tradição e como esta identidade parece ser mais essencialista e enraizada no berço nordestino.

Outros temas que estão em evidência na mídia têm sido utilizados e incorporados às manifestações culturais, como a preservação ambiental, ou temas cotidianos como violência doméstica, questões políticas, terceira idade e tabus sociais. Frequentemente a cultura popular brasileira é exaltada através de seus personagens e histórias, mas não é incomum encontrar elementos estrangeiros que pairam sobre nossa cultura nacional. Contos de fadas estrangeiros são frequentemente apropriados e adaptados a uma história regional. Como exemplo disto a quadrilha *Fogo na Cumbuca*, de Palmas, abordou o tema “Cumbuca invade o País das Maravilhas”, em 2013.

Alguns símbolos que são frequentemente representados são a *Seca e os Retirantes*. Muitas vezes como elemento crucial para o desenrolar da história, que insere outras grandes questões como a separação familiar, a migração, a fome, a força do sertanejo, mas que também agrega valores estéticos fortes, que são valorizados com a riqueza da plasticidade da

representação do chão árido. Em geral, os retirantes são representados por meio também do símbolo *pau de arara*, tematizam os dilemas dos sertanejos que precisam deixar sua terra amada por causa da seca, em busca de uma vida melhor. A questão causa identificação no tocantinense, pois a região sofre as mesmas dificuldades na época da seca, além disso, historicamente o Norte Goiano foi região desfavorecida com recursos de desenvolvimento em detrimento ao sul do antigo Estado de Goiás. Por outro lado, o Tocantins foi visto como uma chance de mudança de vida para muitas pessoas do Brasil e exterior. Segundo depoimentos, configura-se uma homenagem não somente aos nordestinos, mas aos demais brasileiros que se inserem no processo de migração.

Ícones da história e cultura nordestinas são sempre homenageados nas quadrilhas tocantinenses, como Luís Gonzaga, Dominginhos e Mestre Vitalino; o casal de cangaceiros Maria Bonita e Lampião são símbolos que já marcam e identificam a *mise-en-scène* das quadrilhas; na literatura popular, obras de autores nordestinos, lendas, clássicos da literatura de cordel, e obras que retratam a própria história do Nordeste estão muito presente nos espetáculos.

Música, dança e arte popular focados nos ritmos nordestinos tradicionalmente constituem a trilha das quadrilhas. Forró, baião e xaxado, junto com seus instrumentos clássicos, sanfona, triângulo e zabumba, estão sempre presentes, além da homenagem aos seus grandes sanfoneiros e artistas da música nordestinos. O universo quadrilheiro tem uma extrema relação com a cultura musical que é forte mediadora de seus discursos e da identificação com seus públicos. Atualmente podemos até encontrar quadrilheiros dançando ballet clássico ao som de música contemporânea nas apresentações. Nas competições muitas quadrilhas levam bandas ao vivo para enriquecer o espetáculo e preparam apresentações e encenações com muita influência da arte popular, do teatro de rua e do balé folclórico. Algumas quadrilhas utilizam letras e músicas inéditas, produzidas especialmente para as apresentações.

Existe um reconhecimento dos artistas regionais a respeito do movimento junino. Podemos observar uma relação de prestígio mútuo entre os movimentos artísticos regionais, pois todos estão envolvidos com a construção e valorização da cultura local. Um exemplo disto é a homenagem que o cantor Dorivan (Dorivan Borges da Silva) fez para as quadrilhas de

Palmas, compondo uma música⁶ que evidencia a importância das quadrilhas no contexto local, a representação simbólica da cultura nordestina e a perspectiva global do turismo cultural.

Outros elementos surgem evidenciando a cultura nordestina, mas também o status que a forma cultural tem ganhado. O figurino das quadrilhas está cada vez mais sofisticado e luxuoso, com peças exclusivas, troca de roupas durante a apresentação, tal qual uma ópera, e outras alegorias que prendem os olhares por meio do espetáculo de sentidos estéticos.

Os elementos tanto nordestinos quanto tocantinenses estão impressos nas cores, brilhos e estampas. Ritinha Fernandes, rainha da quadrilha Caipiras do Borocoxó, apresentou em 2013 um figurino com símbolos nordestino (Cacto) e tocantinense (girassol). Sobre os elementos tocantinenses podemos destacar o *Girassol*, símbolo do Estado, constante presença nas quadrilhas juninas do Tocantins como tema principal, compondo o nome de quadrilhas, ou representado em cores e formas no figurino, adereços e cenários; as cores *azul* e *amarelo*, que constituem os símbolos do Tocantins, presentes em muitos figurinos e adereços e na marca de algumas quadrilhas juninas; e o *Capim Dourado*, planta utilizada no artesanato local, nativa da região do Jalapão, no sudeste do Tocantins, que tem grande circulação local. O capim dourado tanto foi tema como compõe os adereços de algumas quadrilhas, como brincos, colares e chapéus. Além disso, esteticamente, o dourado dos figurinos composto por peças de capim dourado incrementa o destaque glamoroso.

Comunidade: individualidade vs coletividade

Além de uma expressão de comunicação e cultura, as quadrilhas juninas no Tocantins tem mobilizado o tecido social. Muitas nasceram de associações e ONG's comunitárias ou, o oposto, formaram associações, aspecto que demonstra o caráter organizativo e comunitário desses grupos. Em Tocantinópolis, toda a comunidade contribui com a realização da festa, a decoração e as demais apresentações amadoras que complementam a programação das festas juninas no município, e ainda chegam cedo ao quadrilhódromo para reservar os

⁶ Na minha terra/tem forró e tem quadrilha/tem São João e alegria/lamparina e lampião/Tem quadrilheiros/No Arraiá da Capitá/nascimento da rabeça/inspirando a criação/chega João chega Tião/chega Maria/França, zoropa e Bahia/quem quer mais pode chegar/Palmas querida/todo mundo te admira/todo ano tem quadrilha/no arraiá da capitá/REFRÃO Vem dançar quadrilha/vem pro São João/Cafundó, Borocoxó/vem Pizada da Butina/vem Matutos do Sertão (Autoria: Dorivan).

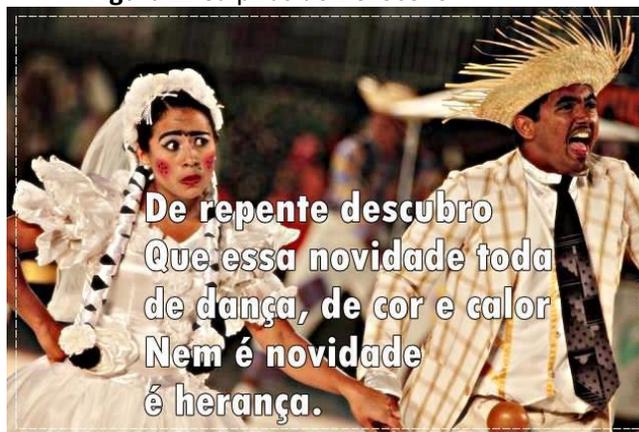
melhores lugares. Muitos figurinos e demais adereços que compõem o espetáculo são produzidos pelas próprias famílias dos quadrilheiros. Toda a comunidade se envolve na criação, costura, pintura e bordado das peças. Dentro destas associações quadrilheiras, em geral são realizadas ações de prevenção ao uso de drogas, violência e fortalecimento da família. Elas também oportunizam seus membros e outros jovens da comunidade a ter acesso a bens culturais, educação e arte, além de ampliar as experiências culturais dentro e fora do Estado e até em eventos internacionais. São ações que possibilitam uma nova visão da vida em comum e moldam a experiência cotidiana destas pessoas.

Por outro lado, muitas histórias se confundem com a trajetória da própria quadrilha. É frequente o espírito quadrilheiro ser repassado e reproduzido pelos filhos. É o caso da rainha da quadrilha *Cafundó do Brejo*, Fernanda Lopes, de 25 anos. Paraense, criada em Palmas, dança na quadrilha há doze anos. Sua história pessoal se mistura com a vivência na comunidade. Dentro da quadrilha, ela conheceu seu esposo, e a filha de oito anos do casal já segue os passos dos pais no grupo.

Outro aspecto de empoderamento tem sido a realização de palestras, seminários e debates pelos grupos quadrilheiros, nos quais fomentam, divulgam e dialogam sobre a importância cultural das quadrilhas e formas de sustentabilidade do movimento e seu fortalecimento como expressão da cultura popular. Em atendimento a esta demanda, em 2014, em Brasília, foi realizado 1º Simpósio Nacional do Movimento Junino, realizado pela Confebraq.

A Confebraq traz em seu slogan: “Separados pela distância, unidos pelo movimento junino”. Esta frase revela que o grupo social que forma cada quadrilha cria um importante cenário em que se congrega as individualidades e diferenças locais e a coletividade, atestando tanto o buscar uma identidade própria mas também um laço de pertencimento coletivo e de uma identidade nacional.

Figura 2: Caipiras do Borocoxó



Fonte: Fotografia e montagem: acervo de divulgação da junina Borocoxó.

Um aspecto fundamental da análise da importância e formas de expressão de manifestações culturais como a quadrilha é a inversão da realidade, que provoca não uma simples ruptura da rotinização inerente ao cotidiano, mas que deve ser encarada como táticas utilizadas por determinados grupos sociais para ressignificarem seus espaços vividos, comunicarem situações de confronto e as relações conflituosas que também são a marca da cotidianidade (CERTEAU, 1994).

Além do luxo cada vez mais comum no figurino e adereços, o que contrasta com o universo “caipira” representado, as personagens tradicionais presentes nas quadrilhas se solidificaram e se tornaram agentes folk, como o marcador ou puxador, a rainha (rainha do milho), o casal de noivos, o padre, os pais da noiva e em muitas quadrilhas as figuras icônicas de Lampião e Maria Bonita.

Os membros podem se revestir de vários papéis, que inserem debates em torno de várias questões sociais. Neste cenário, essas personagens são vistos como agentes folkcomunicacionais, indivíduos que surgem naturalmente dentro do grupo, que com seu carisma atraem o respeito e a admiração do grupo e que, segundo Beltrão (1980), podem se tornar conselheiros ou orientadores do público, ainda que não tenham consciência deste papel. Trigueiro (2008, p. 53) discute com maior profundidade esse aspecto e enfatiza que o agente folk não é um ator social autônomo, ele recebe sua liderança dos demais integrantes do grupo a partir das regras determinadas por ele. Nestes termos, cada vez mais tem se verificado uma reelaboração que marca a diferença entre líderes de opinião e agentes

folkcomunicaçãois, pois esses indivíduos não necessariamente são figuras proeminentes na comunidade, mas a partir do seu personagem se transformam em símbolos da festa, da tradição e da identidade do grupo ou comunidade. Na Folia do Divino e outras festas populares no Tocantins, os foliões concretizam uma comunicação dialógica e interpessoal, que se dá no momento dos ritos.

Os foliões e demais figuras também são vistos como os divulgadores da tradição e da comunidade, portadores da visibilidade do lugar, não como pessoas individuais, mas como representantes de um grupo (MENESES, 2011, p.13).

Cada personagem das quadrilhas carrega em si a própria história das quadrilhas mas também ganham destaque à parte. Há o elemento coletivo, mas também o momento de “celebridade” que envolve os representantes destas personagens. São eles que representam o grupo social fora de seu contexto, possuem maior reconhecimento e admiração dentro do próprio grupo e traçam metas para as apresentações. Cláudio Maranhão, presidente da quadrilha Cafundó do Brejo, nos conta quais são os critérios de escolha destes indivíduos:

nossos destaques tem que ter pelo menos dois anos de grupo pra assumir esses cargos mais importantes, ou seja, tem que realmente mostrar que é cafundozense de coração, que ama estar ali. É como se fosse um plano de carreira, onde a pessoa se dedica e assim é valorizada pela dedicação e amor ao grupo, não é só o talento que importa, nos demais grupos existe o contrato, geralmente contratam professores de dança pra coreografia, atores para o teatro, colocam como destaques os melhores ou muitas vezes dançarinos profissionais. Cada grupo tem a sua realidade (Entrevista concedida em 03 de setembro de 2013).

A liderança folk se manifesta tanto pela representatividade identitária que esses personagens carregam, quanto pelo trabalho mobilizador de alguns deles junto às suas famílias e à comunidade. O “ser um quadrilheiro” implica em ser responsável com o grupo, possuir práticas sociais adequadas e saudáveis, valorizar sua comunidade, pois o pertencer e perdurar no grupo não são aleatórios, se devem ao mérito e se estendem até as unidades familiares. No relato, percebemos ainda a dicotomia entre a tradição e a profissionalização.

As quadrilhas juninas atualmente tem refletido a diversidade cultural existente em Palmas e no Tocantins. O estrangeiro também procura a recepção calorosa, não mais apenas como espectadores, pois, conquistados pelo encantamento do folclore nacional, participam das quadrilhas, como é o caso da belga Kathy Menten, que dança na quadrilha *Caipiras do Sertão*, de Palmas. A diversidade cultural local, marcada pela invenção, também se revela com o *Casal Indígena*, inserido na competição de 2015 na capital, ainda que tenha havido um contexto mais político que forjado na base do movimento quadrilheiro.

Uma vez que as quadrilhas juninas não se restringem mais à sua ligação com as festas católicas, o IX Campeonato Nacional de Quadrilhas Juninas (2013) contou com a participação da primeira quadrilha evangélica reconhecida pela Confedbraq, a Busca Fé, de Brasília, que mostrou um tipo de “sincretismo” cultural. A Confederação intitolou a participação como “um momento histórico dos campeonatos nacionais”.

Também pudemos ver ao lado de uma quadrilha evangélica, uma competição que elege a “miss gay caipira”. O concurso, iniciado em 2013, realizado no setor Santa Bárbara, região periférica de Palmas, abriu espaço para os participantes do movimento quadrilheiro inserir mais diversidade nas representações da cultura junina.⁷ Quadrilhas amadoras formadas pela comunidade LGBT tem se difundido, com uma versão em Tocantinópolis, extremo norte do Estado, que mistura a dança tradicional da quadrilha com outros ritmos populares.

O grupo quadrilheiro, destituído de preconceitos sociais, tem a potencialidade de acolher as diferenças, que nos grupos comunitários se tornam ainda mais próximas e complexas, pois integram as relações sociais cotidianas. São novos cenários que estão sob conquista e ressignificação e isto é dado a partir do lugar.

Discursos na Mídia e a apropriação dos discursos da quadrilha por outros atores sociais

Como acontece com as escolas de samba no carnaval, personalidades da mídia (no caso do Tocantins, políticos e empresários) utilizam a imagem das quadrilhas para seu

⁷ Como elemento de humor, sempre foi comum encontrar homens ou mulheres que dançam com figurinos do sexo oposto dentro das quadrilhas, seja para completar o número de casais ou para simplesmente brincar, especialmente nas quadrilhas formadas por idosos devido ao menor número de pares do sexo masculino. A tradição reafirma o caráter lúdico e carnavalesco das festas populares que legitimam uma quebra de tabus ao menos momentaneamente. O debate sobre o humor ou a perspectiva da demarcação de espaços para a miss gay e para a rainha ficam para estudos posteriores.

benefício. A política adentrou definitivamente no universo das quadrilhas juninas e atualmente podemos ver políticos que se apropriam de elementos característicos da cultura quadrilheira e, por meio do apoio financeiro, o associa à sua imagem pública.

A mídia também se apropria de seus discursos. No período de junho a agosto de 2013 (período do ano em que ocorrem os festejos juninos e competições) foram selecionados vinte e oito matérias consideradas mais relevantes (que ocuparam mais espaço e utilizaram pelo menos uma imagem) divulgadas em jornais on line e impressos do Tocantins, que abordaram o movimento junino. A maioria das matérias foi distribuída nas editorias de cultura, apresentada nos formatos notícia e reportagem e com mais de uma foto. Sete delas constaram como manchete ou tiveram chamada na capa e catorze receberam grande espaço no veículo. Houve uma diversidade de formatos editoriais, como a utilização de encartes, páginas completas e muitas fotos amplas e coloridas das apresentações.

O foco das matérias foi centralizado na cultura junina, o movimento junino do Estado foi mostrado com admiração pelo esforço, reconhecimento nacional e ainda pelo trabalho social e artístico. Todas as matérias selecionadas falam das demandas e importância social dos grupos quadrilheiros, seja enfatizando o âmbito local (com referência à localização na região periférica da capital), regional ou estadual. Desta seleção, vinte e cinco matérias falam da identidade cultural dos grupos juninos, sete abrem espaço para a discussão sobre multiculturalidade ou a expansão da cultura popular, e doze matérias enfatizam a movimentação política e econômica que as competições promovem no Estado.

A cultura nordestina foi tomada como referência em nove matérias, em geral identificando o nordeste como berço das quadrilhas e festas juninas. Mas em nenhuma destas abordagens se exclui ou se diminui a autenticidade e a aceitação da cultura junina como tocantinense em detrimento à herança cultural nordestina. Em alguns casos, fica evidente a exaltação da cultura nordestina como algo genuinamente tocantinense e fator de orgulho.

As matérias abriram espaço para a comunidade se manifestar, tanto quadrilheiros quanto público, famílias e outros membros participantes. E nesse sentido, o trabalho social realizado pelo movimento junino foi lembrado, bem como as pessoas envolvidas no processo, que tiveram espaço para expor suas lutas e vitórias.

Considerações finais

Pelo presente estudo, podemos conferir que a quadrilha junina não se constitui um elemento cultural estático, é uma forma cultural que se torna cada vez ressignificada como elemento de identidade local, regional e nacional mas também de mobilização social, com a marca do hibridismo, do sincretismo e da criatividade dos grupos em busca de reconhecimento e visibilidade. Percebemos que existe a cobrança interna de que a cultura tocantinense seja bem representada, tanto para os próprios tocantinsenses quanto para outras culturas. Cada quadrilheiro leva em si a grande responsabilidade de ser o espelho da quadrilha dentro e fora do espetáculo. Nesse sentido, as quadrilhas tem se tornado uma grande referência na formação desta identidade tocantinense ainda em construção, e, como vimos nesta pesquisa, uma construção não só oficial, mas também coletiva.

A cultura nordestina é a grande influência das temáticas das quadrilhas, que se misturam às histórias e representações tocantinsenses. Essa referência deve-se não apenas à tradição cultural das festas juninas, ou herança decorrente da migração, mas também, podemos inferir, por certa identificação ambiental, como calor e seca. Ainda existe a identificação pelos fatores sociais, pois a grande população tocantinense (principalmente as periferias das cidades e as regiões rurais) também carece de poder econômico e as temáticas das quadrilhas exemplificam isto, mas não de forma pejorativa, antes heroica em valorização da força popular.

A inclusão da lógica do mercado e do consumo também é realidade nas quadrilhas em Palmas, que buscam alternativas de sustentabilidade as quais criam um contexto ressignificado, mas não menos significativo, das quadrilhas como mediadora social e cultural. Nesses termos, o espetáculo funciona como elemento intensificador das paixões mobilizadas por meio da participação nos grupos e como elemento dinamizador das relações internas dentro destes grupos, como o compromisso com a realidade local e a importância da imagem dos agentes folk.

Alguns aspectos se destacam no estudo, entre eles o fato de as quadrilhas juninas no Tocantins - seja pela apropriação institucional dos eventos, seja pela sua mobilização comunitária e inserção na vida cotidiana, se tornarem mais forte que os tabus sociais e outras diferenças, a arte se sobrepõe a certos padrões sociais, pois envolve diversidade de orientação sexual, religião e nacionalidade.

Em suma, a grande entrega e trabalho realizados pelos quadrilheiros tocantinenses têm levado ao reconhecimento público tanto nacional quanto internacionalmente e ao empoderamento destas comunidades. O envolvimento nos grupos forja laços que cimentam esse pertencimento, como se percebe na expressão “cafundozense de coração”. Ambas, a cultura tocantinense, antiga mas ainda em solidificação, e a cultura da jovem capital Palmas que ainda está se construindo, absorveram toda a tradição dos nativos deste estado e ressignificaram a cultura que vem impressa em cada cidadão que escolheu construir sua história de vida neste novo lugar. Em vários momentos cruzamos o entrelaçamento entre o estilo moderno e as novas significações presentes no movimento quadrilheiro, e a sua função social como elemento cultural brasileiro arraigado na tradição nordestina. “De repente descubro que essa novidade de dança, de cor e calor nem é novidade, é herança”.

Referências bibliográficas

ASSUMPÇÃO, L. C. F. de. **Registros imagéticos e a sustentabilidade:** representações sobre o uso da imagem em projetos de captação de recursos em grupos de quadrilhas juninas do Distrito Federal e entorno. 2013. 147 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARRETO, L. A. **Folclore: invenção e comunicação.** Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci Editora, 2005.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: Teoria e metodologia.** São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2004.

_____. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIM, R. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea.** Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

_____. **Folkcomunicação no contexto de massa.** João Pessoa: Universitária/Universidade Federal da Paraíba, 2000.

DE CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano. Vol. 1. Artes de fazer.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1994.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo de 2010**. Disponível em (<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=to>). Acesso agosto de 2013.

LUCENA FILHO, S. A. de. *O Maior São João do Mundo em Campina Grande - PB: um evento gerador de discursos culturais*. In.: **Culturas Midiáticas**: João Pessoa, v. II, n. 1, jan./jun., 2009.

MENESES, V.D. **Líderes de Opinião como Símbolos de Identidades Culturais em Festejos do Tocantins**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Anais... Recife: Intercom, 2011.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito, Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 6ª edição, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & Ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

_____. *A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS CULTURAS POPULARES, 2005, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: MINC, 2005.

_____. *A Copa do Mundo de 2002 e as Festas de São João no Nordeste: a reinvenção das tradições culturais nordestinas*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, BH/MG. **Anais...** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP17_trigueiro.pdf> Acesso em: 18 ago. 2013.

WILLIAMS, R. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho do campo**. Campinas, SP: Papius, 1998.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Artigo recebido em: 31/07/2015

Aceito em: 12/12/2015